

Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental - PROCAM

PCA 5043 Justiça Climática, Cidades e Desigualdades Ambientais

Fichamento Bibliográfico

Aluna: Fernanda Massaro Leonardis

Data: 06/10/2022 – Aula 8: Colonialidade Climática e Justiça Climática a partir do Sul

Global Warming in an Unequal World: A Case of Environmental Colonialism (2019)

Autores do artigo

- **Anil Agarwal** - Foi um dos primeiros ambientalistas da Índia. Fundador-Diretor do Centro de Ciência e Meio Ambiente (CSE), uma organização de pesquisa e defesa de interesse público com sede em Nova Delhi. Formado em engenharia, mas se tornou um jornalista científico e ficou conhecido como um homem da ciência e das letras. [1947 – 2002]
- **Sunita Narain** – Atual diretora geral do CSE, é uma escritora e ambientalista, considerada uma das ativistas ambientais mais conhecidas na Índia (em 2016, foi eleita pela Forbes umas das 100 pessoas mais influentes). Foi conselheira do 1º Ministro para Mudança Climática na Índia (2005), recebeu o Prêmio Mundial da Água, atuou como membro da comissão do governo sueco sobre a necessidade de adaptação (2008). Pesquisa e escreve publicações sobre diferentes aspectos do regime climático, desde aspectos de posições de negociação até críticas de vários mecanismos de negociação e opções de mitigação e adaptação.

Anil e Sunita trabalharam juntos desde 1980, escrevendo sobre desenvolvimento sustentável, defendem o desenvolvimento e a preservação do meio ambiente como subsistência.

Contexto do Texto

O texto apresenta trechos selecionados de um artigo publicado em 1991, que foi republicado em 2019 como um capítulo do livro “Índia in a Warming World”. O livro traz uma abordagem de que o desafio da mudança climática precisa ser olhado com atenção pela Índia, já que não existe um caminho para o desenvolvimento isento de mudanças climáticas.

Ideias centrais do artigo

- Os autores apresentam a ideia de que países em desenvolvimento, como a Índia, estavam sendo injustamente sobrecarregados com a responsabilidade de lidar com as mudanças climáticas;

- A ideia de que os países em desenvolvimento devem compartilhar a culpa pelas mudanças climáticas é um exemplo de colonialismo ambiental e, a maneira como o debate sobre o aquecimento global está sendo conduzido está aprofundando a divisão entre Norte-Sul;
- O texto discute a problemática de como compartilhar os sumidouros naturais de CO₂ e metano, que é uma discussão sobre o uso dos bens comuns globais. Os sumidouros de CO₂ terrestres funcionam como um mecanismo de limpeza e o aquecimento global é causado pelas emissões que excedem a capacidade de limpeza dos sistemas ecológicos da Terra;
- Os autores argumentam que uma abordagem mais ideal para calcular o inventário de gases de efeito estufa (GEE) e ter uma ideia verdadeira das emissões para cada nação seria considerar as fontes de emissão de cada nação e seus sumidouros terrestres, como florestas, solos e outras vegetações. Essas emissões teriam ainda que ser combinadas com a parcela justa de cada nação dos sumidouros oceânicos e troposféricos;
- O texto aponta que o World Resources Institute (WRI), um grupo de pesquisa privado e em colaboração com os EUA, apresentou em um relatório que países em desenvolvimento, como Índia e China, devem compartilhar a culpa pelo aquecimento global. O relatório deu mais ênfase na emissão de CO₂ devido ao desmatamento e emissão de metano dos campos de arroz e produção de gado do que na emissão a partir do uso de combustíveis fósseis. Assim, dando a entender que as emissões dos países em desenvolvimento são mais graves e subestimando a emissão dos países desenvolvidos proveniente, principalmente, da queima de combustíveis fósseis. Os autores comentam que não houve nenhum esforço por parte do WRI em separar as emissões de sobrevivência dos países pobres, como a de agricultura de subsistência do 3º mundo na criação de gado e campos de arroz, com a emissão de luxo dos países ricos, como a emissão de CO₂ de automóveis que consomem gasolina na Europa ou América do Norte;
- O texto traz que a capacidade da Terra de limpeza das emissões foi injustamente alocada pelo WRI entre os diferentes países, já que ele não faz distinção entre os países que consumiram esse capital ecológico excedendo a capacidade de absorção do mundo e os países que emitiram gases dentro da capacidade de limpeza do planeta.

Metodologia e Resultados:

Primeiramente, o texto apresenta os resultados de um relatório publicado pelo WRI, com a responsabilidade de cada país no acúmulo de gases na atmosfera. Nos cálculos do CSE não são questionados os dados do WRI usados para calcular as emissões de metano e CO₂, mas enfatizam que o cálculo das emissões de vários países é questionável, tanto pela falta de banco de dados de desmatamento, cultivo de arroz e pecuária (o texto foi escrito em 1991), quanto pelo fato de os números apresentados pelo WRI serem questionáveis e preconceituosos, já que não levam em

consideração a parcela justa de cada nação dos sumidouros de GEE e ainda adotam uma técnica matemática que culpa os vários países pobres.

O WRI calculou a proporção de GEE do mundo para países como a Índia e usou essa proporção como a participação do país na quantidade de gases que se acumulam na atmosfera. A metodologia do CSE indica que para determinar as emissões líquidas que representam uma ameaça ao clima, isto é, as emissões que excedem a capacidade dos sumidouros, buscando uma justiça global e equidade deve-se alocar os sumidouros naturais de CO₂ e metano, que são um bem comum, com base na população, calculando-se assim as emissões permitidas de cada país. O CSE comparou as emissões calculadas pelo WRI com as emissões permitidas para determinar as quantidades de emissão que excedem as emissões permitidas.

Os resultados dos cálculos do CSE mostraram que há um conjunto de nações emitindo dentro da sua cota, isto é, dentro dos limites permitidos, e outro conjunto de países ultrapassando os limites. No relatório do WRI, a Índia é classificada como o 5º maior emissor de GEE no mundo, mas comparando com a sua população, na época representando 16,2% da população mundial, a quantidade de CO₂ e metano produzidos na Índia foi de 6% e 14 %, respectivamente, da quantidade absorvida pelos sistemas ecológicos da Terra. Assim, a Índia não deveria ser responsabilizada nem por 1 kg de emissão que tenha se acumulado na atmosfera em escala global. Em comparação, os EUA, com 4,73% da população mundial em 1990, emitiram 26% de CO₂ e 20% do metano que são absorvidos todos os anos, emitindo assim desproporcionalmente ao tamanho de suas populações e a capacidade de absorver CO₂ e metano da Terra e sendo responsável pelo acúmulo de GEE que não são absorvidos pela atmosfera.

Conclusões:

- A partir da análise do relatório produzido no Norte global, o texto enfatiza que as nações do Terceiro mundo devem realizar suas próprias pesquisas nessa área e não devem depender das instituições ocidentais para apresentar uma imagem mais verdadeira da situação global e salvaguardar seus interesses;
- A análise trazida pelo texto não significa que a Índia não deva regenerar o meio ambiente ou não buscar eficiência energética, já que isso contribui para combater o aquecimento global e é necessário reduzir o stress do uso de recursos naturais, caso contrário as perturbações climáticas podem colocar a sociedade em estado de emergência. Para melhorar a produtividade da terra e atender à necessidade de sobrevivência das pessoas, as estratégias de desenvolvimento devem ser específicas e holísticas para cada ecossistema e os que falam de aquecimento global devem ser concentrar com o que deve ser feito dentro de casa, fortalecendo a democracia local e capacitando as aldeias para que as pessoas se envolvam no gerenciamento do seu ambiente.

Citações destacadas

“The report of the WRI, a Washington-based private research group, is based less on science and more on politically motivated and mathematical jugglery. Its main intention seems to be to blame developing countries for global warming and perpetuate the current global inequality in the use of the earth’s environment and its resources.” [AGARWAL & NARAIN, 2019, p. 81]

“The methane issue raises further questions of justice and morality. Can we really equate the CO2 contributions of gas-guzzling automobiles in Europe and North America or, for that matter, anywhere in the Third World with the methane emissions of draught cattle and rice fields of subsistence farmers in West Bengal or Thailand? Do these people not have a right to live? But no effort has been made in WRI’s report to separate out the ‘survival emissions’ of the poor, from the ‘luxury emissions’ of the rich. Just what kind of politics or morality is this which masquerades in the name of ‘one worldism’ and ‘high minded internationalism’?” [AGARWAL & NARAIN, 2019, p. 82-83]

“The entire episode also emphasizes the fact that Third World nations must undertake their own research in this crucial area. They cannot depend on Western institutions to present a true picture of the global situation and safeguard their interests.” [AGARWAL & NARAIN, 2019, p.87]

“... people get involved in managing their environment. It will mean dismantling the inefficient and oppressive government apparatus and changing laws so that people can act without waiting for a good bureaucrat to come along. The government is the biggest and the worst land and water owner in the country. Those who talk about global warming should concentrate on what ought to be done at home. The challenge for India is thus to get on with the job at hand, and leave the business of dirty tricks and dirtying up the world to others. In this process, we will help ourselves, and maybe even the rest of the world.” [AGARWAL & NARAIN, 2019, p. 90]

Referência

AGARWAL, Anil, and NARAIN, Sunita. 'Global Warming in an Unequal World: A Case of Environmental Colonialism', in Navroz K. Dubash (ed.), *India in a Warming World: Integrating Climate Change and Development* (Delhi, 2019; online edn, Oxford Academic, 19 Dec. 2019) Disponível em: <https://academic.oup.com/book/35227/chapter/299750611>